

a mulher como
sujeito da história

Fundação Cuidar o Futuro

1973

MARIA DE LOURDES PINTASILGO

PRIMEIRA MINISTRA

Fundação Cuidar o Futuro

A MULHER COMO SUJEITO DA HISTÓRIA
=====

Perante o mundo que se aproxima vai a mulher ser objecto, ainda que atento e esclarecido de um mundo novo, ou sujeito desse mundo?

Esta interrogação é fulcral na evolução da sociedade, uma vez que as mulheres são o grupo social mais atingido pela alienação do nosso tempo.

São-no a vários níveis:

Em primeiro lugar constituem um grupo economicamente desfavorecido. Não têm autonomia económica, isto é, não dispõem de património próprio nem do direito de fruir esse património - isto numa óptica de regime capitalista -. Tão pouco têm autonomia na decisão relativa à produção de bens e às prioridades no seu consumo - e isto mesmo numa óptica de economia socialista.

Participam em diminuta percentagem no mundo do trabalho, uma vez que constituem um volante de reserva no que a sociedade capitalista chama de mercado do trabalho.

Participam de forma quase nula na construção da cidade. Quanto muito vemo-las carregando aos ombros acções de responsabilidade iniciadas, conduzidas e pensadas por homens.

Recebem salários pelo seu trabalho que colocam as operárias qualificadas no mesmo nível de remuneração que os operários não qualificados. E até na agricultura, onde o exercício da mão de obra feminina é decisiva, os salários têm desproporções como as verificadas em ~~Janeiro~~ ^{Outubro 71} e Outubro de ~~71~~ ⁷² - em que os salários foram, respectivamente, de 86\$00 e ~~93~~\$00 para os homens e 46\$00 e 51\$00 para as mulheres.

Se é certo que a ocupação das mulheres na administração pública vem reduzir a média das diferenciações salariais entre homens e mulheres para toda a população activa, poder-se-á supor que a diferenciação salarial de 40% verificada no sector industrial tem o seu equivalente na promoção fortemente condicionada dentro do funcionalismo público.

Ocupam o largo estrato dos postos de trabalho que não exigem qualificação, relegadas como são na vida corrente para os trabalhos apelidados depreciativamente de "próprios para mulheres".

Exercem uma dupla tarefa que conduz a horários semanais de 70 a 100 horas. Mesmo nos países altamente industrializados em que o equipamento electro-doméstico pareceria, numa primeira abordagem, uma ajuda mecânica capaz de reduzir esse horário, o exercício desta dupla tarefa não se revela em termos de ocupação do tempo mais leve. Tal facto é fácil de explicar pelo aumento das experiências a que se vê submetidas as mulheres quando sobe também o seu poder de compra.

Não têm as mulheres quaisquer medidas de horário que permitam o exercício da dupla tarefa, sem intervenção do regime de favor, a viltante e inferiorizante, espécie de mecanismo em que se descarrega inconscientemente a "vingança" masculina, mantendo as mulheres numa constante situação de dependência.

As mulheres são também um grupo legalmente discriminado. Este facto ainda não aparece suficientemente com o carácter de problema, apesar de ser um dos paradoxos lógicos mais evidentes das sociedades em que a lei constitucional afirma a igualdade de direitos dos cidadãos perante a lei.

Importa destacar a situação da mulher casada perante a administração dos bens ou educação dos filhos.

A sua participação na vida política encontra-se limitada na própria cláusula que estipula como eleitores das comunidades mais elementares (juntas de freguesia) os cidadãos que sejam chefes de família.

Esta/ encontra-se transporta para o plano social, revelando-se sobretudo como tecido da estrutura social e, pontualmente, na impossibilidade de exercício de certas tarefas tais como a magistratura e a diplomacia.

As mulheres são, assim, um grupo de menores na sociedade que como qualquer grupo discriminado tendem a interiorizar a sua menoridade.

No universo cultural de uma sociedade, as mulheres são também discriminadas na forma como introjectam a cultura e se projectam nela. O mundo lírico ou novelístico assimila-as às crianças, à natureza, às coisas que se possuem, se dominam, se compram e se substituem.

No seu comportamento estão associadas mais do que os homens, à ideia que uma sociedade se faz da realidade psicosexual do ser humano.

Reflectem, como sismógrafo, as oscilações da imagem de si próprias, que a sociedade lhes fornece através dos meios de comunicação e da necessária variedade de que se reveste a publicidade, através das alternâncias da moda e, inconscientemente, através dos diversos, quando não opostos, códigos de comportamento que a sociedade, pelos mais variados meios, lhes dita.

Em cada um destes domínios, as mulheres estão, pelo mundo fora, não só nem sobretudo conquistando os direitos que não têm, mas procurando novas formas de ser e de viver.

Assim, quando se analisam todos os factores relativos à situação económica e ao trabalho, verifica-se, como o fez recentemente Evelyne Sullerot, que: "as mulheres procuram, mais do que dinheiro, uma vida humana e equilibrada. E ao recusarem a mística do trabalho desenfreado, estão em avanço sobre o nosso tempo."

— Como o fazem? Mais importante do que a revolução do espaço ou do ar, é a revolução do tempo. Daí, a organização do tempo de trabalho que dê aos homens e mulheres a possibilidade de se criarem outras dimensões de si próprios.

Quando se analisa o plano legal, verifica-se que, ao lado das mulheres feministas que querem os seus direitos (vestígio ainda virulento da época conservadora que foi a da política liberal relativa à mulher), se erguem grupos, cada vez mais numerosos, de mulheres que se situam ao lado de outros grupos oprimidos e também aí é um problema de toda a sociedade que é levantado - a possibilidade de igualdade de oportunidades a partilha de todos e cada um dos seres humanos.

Quando se enfrentam os obstáculos de ordem cultural verifica-se que as mulheres ao darem-se conta da forma como o seu comportamento é ditado pela família, pela escola, pelos meios de comunicação em ordem à maior produção, maior prestígio, maior consumo, procuram as raízes de uma nova cultura. Também aqui a situação das mulheres é decisiva para a evolução da sociedade - é a própria transformação da cultura que está em causa - por isso nos vamos deter neste ensaio nas perspectivas que se abrem à mulher para poder fazer aproximar, criando culturalmente, um mundo novo.

1. ESCALADA DAS MULHERES NA TOMADA DA PALAVRA

Quando se observam, no seu conteúdo antropológico, os títulos dos livros escritos por mulheres mais relevantes publicados nos ú

timos cinco ou seis anos, depara-se-nos uma realidade que fala por si mesma:

"Amanhã as mulheres"

"Direito de olhar"

"A Política Sexual"

"O Lugar para as Mulheres"

"Não chores, berra"

"Subordinação ou Equivalência"

"Gleichberechtigung oder Emanzipation"

As mulheres dizem-se. Analisam a sua vida, descrevem a impossibilidade de viver humanamente uma semana de trabalho que as esmaga e entontece. Dissecam as condições de inferioridade em que são obrigadas a trabalhar. Tomam consciência que o casamento as torna cidadãs de 2ª classe. Rejeitam a solidão em que o celibato não procurado as coloca numa sociedade em que a mulher só é, paradoxalmente, através do marido. Denunciam a falsidade das medidas que as protegem ("um filho = um frigorífico") tal é o resultado do sistema de abonos de família praticados na França do após-guerra e denunciado com vigor em "Terribles Enfants du Siècle"). Este grito não é só do além fronteiras. A mulher portuguesa começa a dizer-se, e aí deparamos com dois fenómenos: a escalada da imprensa a dirigir-se ao grande público e a manifestar-se de forma crescente de Outubro de 72 até agora e a explosão literária pontual, mas de valor único no plano universal, que representa a edição das "Novas Cartas Portuguesas".

As mulheres tomam a palavra. Ora tomar a palavra é o primeiro acto cultural significativo. O homem é susceptível de criar cultura porque se diz a si próprio, porque dizer é conhecer, porque a palavra liberta o pensamento das camadas de nevoeiro que cobrem ao nível do consciente e inconsciente. Aprender palavras, criar o seu vocabulário próprio, dizer o que se vive e se experimenta, tal é o primeiro domínio da criança como ser consciente sobre a história e sobre

a vida. Tal é também o primeiro gesto revelador do domínio da pessoa sobre o seu próprio Universo. Assim, a capacidade de dizer "eu" é a primeira expressão de uma cultura balbuciante que começa a forjar-se com a tomada da palavra pela metade até aqui silenciosa da humanidade. Afirma-se na tomada da palavra um direito tão vital como o direito de existir para além do robot que funciona como motor das cadeias de produção e para além daquele outro robot que reage, consumindo, aos estímulos publicitários de produtos de que na realidade não precisa.

A tomada da palavra é o direito de ser e de exprimir o que se é por palavras tornadas pessoais e que, livres do vínculo que as dominaram podem surgir portadoras de novo significado.

Esta tomada da palavra vem a ser incarnada desde Maio de 1968 como a irrupção de uma nova concepção da cultura. Ilustra-a a história da reacção de um trabalhador a uma operária que estava a ser entrevistada durante a revolução de Maio e que argumentava: "Não sei que dizer; não tenho cultura" ao que lhe respondeu o trabalhador: "Não digas isso. O saber acabou. A cultura hoje consiste em falar."

Quero notar que não é de qualquer "falar" que aqui se trata, mas sim daquela abertura de diques que corresponde sociologicamente a uma mudança.

Não se trata de estimular as mulheres a falar ainda mais, descritas e caricaturadas como pessoas cuja tagarelice impede o trabalho sério... Não se trata tão pouco de uma mudança de qualidade, de um "aumento de nível" das palavras que dizem, trata-se, isso sim, da intensidade vital a que corresponde cada palavra que pronunciam; trata-se da coêrência interna do discurso que proferem; trata-se da descoberta de outra camada de si mesmas onde se pronunciam outras palavras, aquela zona de que brotam as palavras que constituem

o tecido mais fundo da existência.

Tão pouco a tomada da palavra se destina a imitar o que os homens já disseram ou a perpetuar os seus ritos, eu diria quase, as suas liturgias. O mundo criado pelos homens e para os homens tende a impor-se sem piedade às mulheres. Vemos, por isso, que a mulher é facilmente aceite, quando elabora um pensamento idêntico ao do homem, quando se situa no esquema simples, mais produção, mais lucro, mais bem estar, quando, obedientemente, (e sempre sorrindo) vai repetindo as normas que regem a vida de trabalho, as organizações, a vida política.

No culto com que a sociedade parece consagrar a mulher-mãe, transmite-se um "santo-e-senha" que confere a entrada na sociedade e que as mulheres se encontram encarregadas de perpetuar no ciclo cada vez mais opressor de sociedade-mãe-filho-sociedade...

A tomada de palavra a que assistimos, tanto com todos esses cânones aceites, Numa sociedade de discursos, retórica e oratória uma tal tomada de palavra desconcerta, irrita, problematiza.

Uma tal tomada de palavra não é um acontecimento explosivo, brotando de uma qualquer revolução; é, sim, a emergência de um eu que para se afirmar tem de vencer a timidez e um ancestral mito de que "os outros é que sabem" - formas diversas e, por vezes, larvares do narcisismo e da passividade que, no plano da estrutura psico-cultural, são atitudes identificadas como expressões da alienação específica da mulher.

2. REVOLTA DAS MULHERES

A tomada da palavra é parte de um movimento histórico mais amplo. Já várias vezes analisei o processo sociológico que levou ao

actual movimento de libertação das mulheres. Embora o seu colorido reivindicativo e a sua própria descrição levem a situar, numa primeira abordagem, esse movimento na sequência do feminismo, o seu lugar não é historicamente aí. Contrariamente ao carácter conservador dos movimentos feministas que desejavam para as mulheres/cons^{direitos}titucionalmente iguais aos dos homens, não comprometendo, por isso, o sistema estabelecido, o actual movimento de libertação das mulheres constitui por si só uma forte estocada no sistema instituído, qualquer que seja o seu matiz político.

O movimento de libertação das mulheres tem, de facto, profunda afinidade com os outros movimentos que há 50 anos têm agitado as minorias desfavorecidas e introduzido na cena das relações humanas e das estruturas que as regem mutações radicais. Não me parece haver diferença essencial entre a tomada de poder pelos trabalhadores, o slogan de "Africa para os Africanos", a ocupação de escolas e universidades pelos estudantes e o movimento que tem como expressões caricaturais o grupo *Scrub the Witch*.

De forma mais sistemática (e mais séria) tive ocasião de me referir a este fenómeno na Assembleia Geral da ONU em 1972, nestes termos: "O movimento actual liga-se aos movimentos que se desenvolveram desde o início da industrialização. Remonta ao movimento dos trabalhadores (quer em termos de proletariado na luta de classes quer em termos de sindicalismo anglo-saxónico); tem afinidades com a emancipação das etnias colonizadas; encontra na turbulência dos movimentos de juventude o seu mais recente estímulo".

Estamos, pois, perante um fenómeno sociológico claramente novo e não vale a pena furtarmo-nos a essa novidade refugiando-nos na crítica de certos clichés trazidos pela imprensa de sensações sobre as aberrações ou as manifestações mais ou menos exóticas que se fazem "lá fora".

Se nos dermos conta do que se está a passar em Portugal através da imprensa, creio que poderemos dizer que também aqui, com um certo cunho de ressaca (quando não de má tradução) se estão desenvolvendo tendências difusas correspondentes às do movimento de libertação das mulheres. Curioso é verificar que tais tendências se manifestam numa sociedade em que a imagem da mulher nas estruturas sociais pouco tem variado (ver texto de Virgínia Castro e Almeida).

A completar este fenómeno cultural representado pelo movimento de libertação das mulheres, há uma mudança institucional relativamente à situação da mulher. Talvez possamos dizer que há um crescente interesse dos poderes públicos pela condição feminina nas sociedades que lhes compete governar. Com efeito, nos últimos 10 anos nasceram dezenas de comissões nacionais governamentais sobre o estatuto das mulheres, o seu trabalho, as suas condições de vida. Tais comissões surgiram não apenas nos países sub-desenvolvidos mas - e sobretudo desde 1970 - nos países altamente industrializados.

Fundação Cuidar o Futuro

Há, pois, uma primeira leitura de natureza sociológica a impor a presença das mulheres na vida contemporânea. É necessária, porém, uma segunda leitura que tente analisar por outro caminho a preocupação que vimos esboçar-se tanto ao nível das instituições como ao nível das massas.

A expressão que reveste a tomada de palavra é quase sempre de denúncia e negação. As mulheres dizem negativamente uma situação. Fica, assim, por dizer o que poderia ser uma situação diferente - ou, se quisermos, o que poderia ser vem ainda fortemente carregado de ambiguidade quando não de elementos altamente contraditórios.

Assim se explica as respostas diversas e opostas que dão os diversos sindicatos a problemas tão concretos como o da flexibilidade de horários de trabalho para as mulheres com responsabilidades

familiares ou a existência de equipamentos colectivos dirigidos especialmente à mulher trabalhadora (consultar o livro "Place aux Femmes").

Esta segunda leitura não toma como prioritária a maneira concreta de resolver os problemas técnicos ligados à condição feminina na vida contemporânea. O que ela sobretudo revela é o descontentamento pelo que é, é a contestação do "status quo", é a revolta incontida que exprime grande parte da literatura a que me referi (Dia de uma Mulher Empregada sem Criada). *(Diário (x), 3 Jan 73)*

São palavras deste tipo que levam uma advogada francesa de 30 anos, conselheira municipal de Marselha, casada e com filhos, a recuperar para a irrupção das mulheres no areopago do mundo a conhecida frase: "Je me revolte, donc nous sommes", E comenta: "Revolto-me porque este velho mundo me criou presa das suas cadeias, porque retém a juventude pelas rédeas, porque a política se reduz a equilíbrio de forças, porque a Democracia é o futuro da Educação Nacional, porque o nosso horizonte se limita ao aumento do custo de vida e à luta contra a droga."

Deixo para outro momento a relação política que vai, na frase que citei, do "je" ao "nous". Quero antes de mais acentuar o fenómeno de "explosão" de consciência pessoal que exprime esta frase e tentar prescudar o seu significado cultural.

Para tanto terei que desbravar algum terreno coberto por essa difícil palavra cultura. Nas variadíssimas definições de cultura que seria possível esboçar, vou reter apenas aqueles elementos que me parecem indispensáveis para o enquadramento do problema em estudo.

Por um lado, a cultura aparece com um carácter quase mítico de "verdade, sabedoria, liberdade, criatividade..." Por outro lado,

é possível desenhar-lhe um perfil científico que se recorta com mais ou menos nitidez na antropologia cultural e na sociologia da cultura. É nesta segunda hipótese que me vou situar.

Há um sentido antropológico onde cultura se opõe a natureza. A cultura neste sentido é todo o gesto do homem capaz de transformar de algum modo a natureza. Como diz Paulo Freire "cultura é o acrescentamento que o homem faz ao mundo que não fez".

Já destas primeiras afirmações se tiram três implicações capazes de revolucionar a sociedade em que vivemos.

Assim, e em primeiro lugar, a cultura resulta do trabalho do homem e ao mesmo tempo da sua criatividade, o que equivale a dizer que a cultura não é ociosa, não é repetitiva, não é tradicional... Em segundo lugar, a cultura é ao mesmo tempo veículo e produto da comunicação e da relação entre os homens, o que equivale a dizer que nascendo do encontro da gente que convive, se transmite na conversa. Finalmente, diremos que a última consequência é que a cultura é expansão da história pessoal na história colectiva, o que equivale a dizer que não é abstracta, não é desincarnada, mas se situa na ligação única de cada homem ao tempo em que vive.

Ora quando se fala na mulher e na cultura poderá pensar-se (como o faz a UNESCO) que se trata da vulgarizada expressão "acesso da mulher à cultura". Na verdade, quando há pouco eu denunciava a assimilação da mulher ao mundo dos homens, já estava implicitamente a condenar esse conceito. Conceito esse, tradicional, que vê a cultura como "conhecimento, saber", com o valor mítico a que me referi. Assim entendido, trata-se de um conceito monolítico (informando os países ocidentais e as elites de cada sociedade) conceito centripeto (tudo vem ter aos grandes centros da cultura que, por seu turno, se outorgam o direito de proclamar os que são cultos e os que não são), conceito essencialmente "digestivo" baseado no ter.

Ora na época de computadores em que vivemos, podemos deixar a digestão do conhecimento para as máquinas, para nos preocuparmos mais com o porquê e para quê desse conhecimento.

Se a cultura é expressão de todo o humano, então - e contrariamente a esse conceito tradicional - a cultura é pluralista (há muitas formas de cultura) é centrífuga (tendem a criar-se tantos centros geradores de cultura quantos os homens que criadoramente se relacionarem com a realidade), é uma expressão permanente da novidade do ser.

É certo que no outro extremo do leque de definições de cultura, encontramos um sentido etnográfico ou mesmo sociológico segundo o qual a ~~mulher~~ ^{cultura} se ~~opõe~~ ^{opõe} à tecnologia e agruparia, assim, os ritos, as crenças, os valores, os modelos de comportamento, espécie de sedimento de toda a vida humana de que seria expressão última a chamada "cultura cultivada" opondo ética e, elitisticamente, o homem culto ao ~~inculto~~.

Fundação Cuidar o Futuro

Parece-me que esta segunda hipótese fornecerá uma grelha adequada de interpretação para a situação da mulher na cultura, mas porque trabalha predominantemente com a evolução das elites, não seguirei neste trabalho as perspectivas que propõe. Em contrapartida, a primeira forma de encarar a cultura permite compreender o fenómeno actual de irrupção das mulheres na vida social segundo uma forma que abarca as grandes massas.

Para que o conceito escolhido se torne operacional, parece-me, no entanto, indispensável acrescentar a síntese de cultura proposta por Edgar Morin quando diz que "A cultura é como um sistema de metabolismo, assegurando as trocas (variáveis e diferenciadas) entre os indivíduos, entre os indivíduos e a sociedade, entre a sociedade e o cosmos, etc.". Em outros termos, a cultura seria "o sistema que faz comunicar dialeticamente uma experiência existencial e um saber constituído".

Ora a tomada de palavra que se exprime sob a forma de explosão de consciência pessoal de um grupo muito vasto, aponta para uma experiência existencial, potencialmente geradora de cultura. A simultaneidade em diversas sociedades do gesto de revolta que lemos no fenómeno que estamos a analisar permite dizer que através da tomada de palavra se processou em novos termos o circuito metabolizante que Edgar Morin refere.

Um novo equilíbrio entre a experiência existencial e o saber constituído se encontra em gestação dialéctica na conclusiva da frase de revolta que citei: "...donc nous sommes".

A cultura encontra-se, assim, afectada naquilo mesmo que a define; como sistema de metabolismo, tenderá a procurar outras formas de equilíbrio revitalizante. Podemos então dizer que na multiplicação do grau de consciência da situação de minoridade em que as mulheres se encontram e na expressão revoltada dessa consciência, se descobre a genese de uma nova possibilidade de revolução permanente. Assim, se explicita o significado político que subentende a ligação do eu ao nós.

Que caminhos poderá assumir a cultura assim forjada?

Um breve parêntesis para denunciar os caminhos que não pode assumir.

É importante não confundir o grito saído das entranhas com o alvoroço incontrolado que agita as multidões; não confundir as angústias nascidas das condições desumanizantes com as revoltas teóricas e quixotescas operadas nos salões; não confundir convicção vital e imperiosa que brota de uma realidade experimentada e reconhecida como idêntica nas vidas de outras mulheres com a divulgação panfletária de uma qualquer ideologia. Fechado o parêntesis, repito a pergunta: "Que caminhos então?"

A tomada de consciência que conduz à frase "Je me revolte, donc nous sommes" não é apenas uma constatação teórica e isolada. Nela converge^W as experiências que tecem o nós possível. Nela se ex^{prime} uma solidariedade fundamental - talvez mítica, talvez biológica? - que tudo aponta como real. Faz-se então a descoberta de uma existência solidária entre mulheres. Dissera^o já Simone de Beauvoir, ao dissecar o que chamou de "cumplicidade" no reconhecimento de um mesmo destino. (Cumplicidade essa que de resto o homem encontra nos outros homens e onde buscou a força e o estímulo com que construiu a cidade, fez a lei, a guerra e a ciência).

Por isso, ao descobrir o destino de outras mulheres e a sua situação de opressão, não pode cada mulher permanecer isolada no seu próprio problema. Não lhe podem ser indiferentes os destinos das mulheres que vivem, sem o saberem, uma situação discriminada que as mutila da plena expressão da sua realização humana. Daí que se processe, em perfeita lógica, o ciclo "tomada-de-palavra/revolta/ação-colectiva". **Fundação Guiar o Futuro** ~~ação-colectiva~~. E as possibilidades dessa ação que me vou referir no capítulo seguinte. Farei antes disso uma reserva.

Vejo-me obrigada a notar que, contrariamente a este movimento, se manifesta a tendência das mulheres que tiveram "sucesso". Chegadas ao topo da "carreira" quer seja dos elos da vida pública quer do alargamento progressivo dos bens em que submerge a família nuclear - a maioria das mulheres, que não realizaram por si próprias nenhuma transformação no mundo, que o aceitaram como lhes foi dado, seguindo o ritmo que a concorrência com o homem lhes impôs, tendem a discriminar em relação às outras mulheres. Esta observação foi, infelizmente, confirmada pela opinião unânime de escritores de onze países particularmente interessados na situação das mulheres na sociedade e que para um estudo conjunto se reuniram em 1969 na Holanda.

3. A CONSCIENCIA COLECTIVA DAS MULHERES COMO ACTO CULTURAL

A tomada de palavra, porque é total, desemboca da acção. Num artigo recentemente publicado no Diário de Lisboa, Pierre Emmanuel diz-nos: "A função da cultura numa sociedade é a capacidade que os seus membros têm, individualmente ou em grupos, de falar e agir com vista a modificar a forma social."

No terceiro tempo desta análise, encaro, pois, o contributo das mulheres tomando expressão numa acção cultural orientada com vectores próprios a definirem o sentido, a intensidade e os elementos integradores.

É certo que, ao falar de uma acção cultural orientada, me encontro a braços com um problema que não sei resolver. Por um lado, desenham-se as coordenadas do conceito de "política cultural" que a UNESCO tem vindo a desenvolver desde o encontro dos ministros da Cultura em Veneza, em 1966, bem como a noção de desenvolvimento cultural que já Lenine usara. Trata-se, quer num quer noutro caso, de uma cultura orientada, susceptível de se tornar elemento aglutinador de uma política.

Por outro lado, a experiência dos E.U.A. (com o aparecimento do "music-hall" como maneira dos puritanos protestantes fazerem teatro, tal como já no nosso século o Jazz como fruto da cultura do silêncio), leva-me a pensar que a acção cultural é intrinsecamente irredutível à planificação.

Entre estas duas possibilidades levantar-se-ia a hipótese de uma acção cultural capaz de traduzir uma maneira nova de encarar a cultura e de encarar a vida.

Uma tal mudança de perspectiva supõe, também, que na compreensão que tem de si própria, a mulher ultrapasse a justaposição de

conceitos que pretendem defini-la mas que não resistem a um exame mais cuidadoso. Refiro-me de modo especial à distinção que me parece indispensável fazer na vida da mulher entre a sua vocação, as suas múltiplas funções, as variáveis, senão contraditórias, imagens que a formam e a informam mau grado a sua autonomia em relação à sociedade.

Vêm-lhe as imagens das expectativas expressas ou implícitas que lhe manifesta a sociedade - pela mentalidade dominante na família, no meio social, na cidade onde habita; pelas exigências que lhe são postas na vida familiar ou profissional ou mesmo mundana e que veiculam atitudes, códigos de comportamento; pelas imagens, em palavras ou fotografias, com que todo o seu inconsciente é bombardeado através dos meios de comunicação.

Diversificam-se as funções segundo os sectores de actividade em que as mulheres se movimentam - mulher trabalhadora, em ocupação profissional, Fundação Cuidar o Futuro mulher cidadã, activa na cidade, construtora de novas condições de vida dos homens, consciência atenta às necessidades alheias; mulher com responsabilidades familiares, exercendo ainda na sociedade contemporânea a tácita função de especial responsável pelos parentes (marido, filhos, pais, outros ascendentes ou colaterais) que a sociedade rejeita e cuja despesa de manutenção e tratamento elimina ao fazer arcar a mulher com essa tarefa milenária.

Diversificam-se ainda as funções segundo as fases da vida em que a mulher se encontra - mulher jovem, numa fase extremamente livre e móvel da sua existência, que lhe permite adquirir uma experiência multiforme das actividades e das possibilidades da sua própria acção; mulher adulta, fazendo a difícil opção de uma etapa vivida na família nuclear ou na grande família dos homens; mulher mãe, com a multiplicidade de tarefas que a maternidade supõe, ou a mulher-valor, por si própria a forjar-se um caminho numa sociedade cons-

truída por homens e para homens; mulher capaz de entrar numa nova fase da existência em que a experiência anterior a terá preparado para encontrar o essencial das coisas, para ter um olhar de benevolência sobre a vida, para criar sem limitações os sonhos da sua própria juventude.

Uma certa vocação - própria e inalienável mas cujos contornos são imprecisos e difusos - integraria funções e imagens diferentes. Ela - e só ela - permitiria julgar da prioridade em cada momento de qualquer das funções e da adequação das imagens à realidade pessoal de cada mulher. Assim, poderão ser rejeitadas imagens e criadas outras. Poderá em cada etapa da vida definir-se a hierarquia das funções que a mulher desempenha. Há quem chame a essa vocação a capacidade de fazer entrar na cidade a felicidade como elemento integrador do bem político.

Por muito utópica e até sentimental que nos apareça tal vocação, ela leva a **Fundação Cuidar o Futuro** a fazer uma escritura renovada da história, reconhecendo que se as mulheres, como grupo social, viveram à margem da história, nelas deve existir um potencial inexplorado susceptível de fazer história. Ora é este potencial que vai ao encontro dum mundo à procura do seu novo projecto. Debatiam-se, há anos, ideologias; debatem-se e confrontam-se hoje soluções técnicas para os problemas. Mas o advento das soluções técnicas mais avançadas não parece significar a felicidade para os homens. Daí que seja preciso fabricar o seu destino com novas referências, que seja preciso avaliar valores tidos como absolutos e inventar o modelo da sociedade, não a partir de qualquer a priori teórico, mas fazendo-o na sua realidade concreta e fragmentada.

As mulheres do mundo de hoje sabem, por uma experiência do quotidiano a que poucas escapam, que a felicidade não está na infinidade de escolhas que permite a sociedade de consumo, recusam mesmo esse "choque do futuro" que as aniquila e aniquila a sociedade no

seu presente. Pensam que o futuro não vem ter com elas mas que elas irão ter com o futuro - ou, em outros termos, pensam que esse futuro não está definido imutavelmente mas é susceptível de ser re-orientado pelas opções a que o hoje convida.

Não creio, no entanto, que possamos fazer decorrer de forma cristalina esse novo "mundo" de alguns atributos com que penosamente quiséssemos tentar definir a mulher. Mas podemos talvez encontrar uma pista na interpretação da forma quase "agreste" em que se exprime a sua tomada de palavra.

A tomada de palavra pelas mulheres hoje aparece-me - e nesta opinião coincido com outras mulheres pelo mundo fora - como uma espécie de "símbolo da insolência criadora" que daria à mulher do nosso tempo uma vocação bastante original no destino da humanidade... substituindo, talvez, os velhos timoneiros, receosos das tormentas e percorrendo apenas as rotas já andadas, para uma decidida aventura a caminho da ~~esperança~~. **Fundação. Cuidar o Futuro**

Aí encontro uma acção cultural, ou antes, uma mudança de referência cultural fundamental: no meio do mais circunspecto discurso a ousadia de mostrar caminhos possíveis; no meio dos obstáculos de toda a ordem que os arquitectos da nossa civilização (qualquer que seja a sua idade) levantam contra uma mudança urgente, a temeridade de mostrar que é possível agir e ser diferente; ao racionalismo impiedoso e impenetrável opôr os caminhos da sabedoria e da intuição.

Iam nesta linha os comentários do António Alçada Baptista numa mesa redonda em que participámos: "...A civilização tem sido movida por valores que implicam violência e dominação e tem sido conduzida pelos homens. Os homens têm sido grandes construtores da história que tem sido movida por instrumentos e motivações que nos habituámos a considerar valores masculinos. Paralelamente, a mulher

ficou retida na sua obscuridade e, conseqüentemente, ficou depositária dos grandes valores não usados mas que me parecem necessários à sociedade futura."

Hoje, creio poder dizer que a sabedoria, a intuição, a capacidade de discernir o novo, o movimento do ser que leva a admirar o belo e o original... que sei eu? todo um universo ainda muito vivido à escala doméstica mas capaz de mudar de qualidade se vivido à escala do mundo, poderá fazer rebentar o mundo de lógica (ou pseudo lógica) em que ficamos emparedados.

Encontro uma segunda linha de transformação da cultura na consciência nascente das mulheres como grupo social de que constituem um grupo potencialmente marginal na sociedade. Marginal segundo a lei, se as mulheres forem casadas; marginal segundo os códigos sociais para mulheres solteiras que tal situação não escolheram. Marginal, porque **Fundação Cuidar o Futuro** uma situação em que o humano passa pelo económico, o seu trabalho dentro ou fora da família não tem valor económico autónomo. Marginal, porque deliberadamente se esconde na conversa de vestiário ou da crónica feminina, essa cultura sem tempo e sem lugar onde procura evasão. Mas marginal, também, porque, consciente da sua situação (aculturação?), o grupo social constituído pelas mulheres pode escolher a sua marginalidade como meio de criar a sociedade nova. (Quando Paulo Freire começou no Brasil o movimento de educação de base - a maior força de transformação cultural existente no Brasil quando começou a presente ditadura - fê-lo tomando o campesinato como grande grupo social que naquela sociedade era suficientemente marginalizado para não estar corrompido e suficientemente numeroso para provocar uma mutação).

A minha leitura da sociedade portuguesa leva-me a dizer que as mulheres, das quais apenas cerca de 20% se encontram envolvidas no mundo do trabalho, constituem ainda um grupo suficientemente mar

ginalizado da participação social para se poder tornar culturalmente uma força.

Simplesmente, a marginalidade não se converte, de repente, numa força de transformação. É preciso passar pela conscientização, isto é, pela leitura penosa da própria situação, pelo seu caldeamento com as leituras de outras vidas, pela descoberta dos seus porquês e pela movimentação colectiva para uma acção. Daí, que na sociedade mista em que vivemos, garantida já a co-educação como plataforma de reconhecimento mútuo dos sexos, seja necessária a aglutinação de mulheres em grupos para que tal conscientização faça transbordar a relação interpessoal em que tradicionalmente as mulheres veicularam os seus quotidianos problemas e as suas não menos quotidianas aspirações.

O presidente da Assembleia Nacional de França, cujo papel inovador ficou claramente marcado no rescaldo da revolução de Maio de 1968, escreve na prefácio do livro "Place aux Femmes" (cuja autora fora sua conselheira técnica enquanto ministro de Estado para as Questões Sociais) algumas considerações que parecem apontar para o que poderá vir a ser essa transformação da cultura:

"As mulheres que trabalham estão hoje a fazer face, mais e melhor do que os homens, a uma visão global da vida que vai lançando uma nova luz sobre o trabalho, o lazer, as responsabilidades familiares, a transmissão dos valores culturais e morais.

A sua situação ambígua, prisioneira, muitas vezes descriminda no mundo do trabalho, a necessidade em que se encontram, na enorme maioria dos casos, não de escolher mas na realidade de acumularem todas as ocupações, a sua vocação actual que é a de se baterem em todas as frentes e de fazerem face a uma total diversidade de tarefas e de preocupações, dão-lhes aceç

so - ao preço, é certo, de um esforço gigantesco - a um excepcional conhecimento de todos os aspectos da vida moderna.

Ora o interesse de uma "visão global" está em que ela pode implicar a procura de uma finalidade globalisante. Obrigadas constantemente a organizar e a repartir, as mulheres são, sem dúvida, compelidas a reflectir sobre uma vida qualitativamente melhor."

Ora, que é a cultura senão a constante procura de uma finalidade globalisante? Talvez a transformação de maior impacto que as mulheres podem realizar seja precisamente o não se fixarem na visão parcelar - quer seja tecnicista quer seja doméstica - mas abrirem os olhos para essa visão global que a sua própria situação lhes fornece. Importa, porém, descobrir o conteúdo dessa finalidade globalisante. Trairia a tese que venho a desenvolver se aqui exprimisse em monólogo o que discursivamente posso entender na minha singularidade como globalidade finalizante. Penso que se a resposta em que as mulheres foram tomando consciência actuante da sua marginalidade é que poderão descobrir nas ambivalências contradições e desafios da sua vida, uma resposta colectivamente significativa, ou antes, conjuntos de respostas colectivamente significativas. Se nascer da base, a finalidade globalizante será situada e datada, apresentando-se, assim, plurifacetada. Suponho que as formas múltiplas convergirão num dinamismo comum capaz de ajudar a dar corpo e vida à sociedade nova que quer nascer.

Para tanto o tempo urge. Um dos livros mais gritantes publicados recentemente tem no seu limiar esta citação de Talmud que resume e agudiza o que tenho vindo a dizer:

"Si je ne suis pas pour moi, qui le sera?

Si je suis pour moi seulement, qui suis-je?

Si ce n'est maintenant, alors quand? "

ou parafraseando:

"Se não digo a minha palavra, quem a dirá?

Se a não digo solidariamente, quem sou então?

Se a não digo agora, então quando a direi? "

Fundação Cuidar o Futuro